

# Mais um manezinho

UM BON-VIVANT CURTINDO AS GLÓRIAS ACUMULADAS NO ESPORTE ENTRE BALADAS, ONDAS E JOGOS DO AVAÍ. A IMAGEM CRIADA DE GUSTAVO KUERTEN APOSENTADO É OPOSTA À REALIDADE. COM A CABEÇA E OS PROJETOS FINCADOS NO TÊNIS, ELE VIVE UMA AGITADA ROTINA DE HOMEM DE NEGÓCIOS. E A SUA FLORIANÓPOLIS É O LUGAR IDEAL PARA FAZER TUDO ISSO TÃO DESPERCEBIDO A PONTO DE SE CASAR NA SUA SALA DE TROFÉUS SEM NINGUÉM SABER

POR VANESSA RUIZ

**CHINELO DE DEDO, SORRISO NA CARA,** bermuda e cabelo bagunçado. O figurino despreocupado sugere um *bon-vivant* que Gustavo Kuerten não é. Aos 34 anos, ele mantém uma atarefada rotina de homem de negócios. As glórias do passado ficam restritas à sala de troféus anexa ao escritório. Mas é o Guga das quadras que define o perfil do executivo: determinado, mais crícri do que imagina (algo diretamente ligado à necessidade que sente de que todos, todos mesmo, tenham uma vida justa, inclusive o tênis), desligado de toda a superficialidade. Qualquer conversa com ele é profunda. Foi dessa forma que Guga conquistou o respeito necessário para viver em Florianópolis como um manezinho qualquer da ilha. Ou quase isso.

Ganhar o Torneio de Roland Garros aos 20 anos, em 1997, tirou-o imediatamente da condição de “qualquer” na sua cidade. Mas ele consegue passar, hoje, de maneira discreta. Não porque deixe de sair, beber com os amigos, divertir-se. Simplesmente porque Guga é uma celebridade que nunca deixou de se comportar como um cidadão comum. Por isso, ir a Florianópolis e ouvir algum comentário negativo sobre os Kuerten é quase impossível. No máximo, algo do tipo: “A cidade está crescendo muito. Culpa do Guga!”, vindo de um taxista.

A rotina de Guga é intensa. Seu tempo divide-se entre planejamento e execução das ações no Instituto Guga Kuerten e os negócios da Guga Kuerten Participações. Até no ramo de jogos eletrônicos a família está investindo: “Meu irmão [Rafael, o mais velho] é formado em computação e já tinha essa atração pelo assunto”, explica. O tenista ainda mantém contratos de uso de imagem com o Banco do Brasil e de licenciamento com a Grendene, que fabrica chinelos e papetes, e a Louqge, que produz óculos de sol e de grau.

Guga em Roland Garros: no primeiro título, em 1997, e com a taça pelo bi, em 2000, ao lado da avó Olga



Apesar de fortes, não são só os papéis de empresário e benfeitor que Guga assumiu nesta nova fase. Ele segue treinando quase diariamente para os desafios de tênis agendados e faz hidrogenástica para aliviar as dores causadas pelo problema no quadril – foram duas cirurgias, uma em 2002 e outra em 2004, e uma terceira pode estar a caminho. O sentimento que mais surpreendeu Guga

após deixar o tênis profissional foi a necessidade de seguir jogando: “Me faz bem estar perto do tênis, gosto de poder mensurar meu rendimento”.

No fim de agosto, enfrentou o russo Yevgeny Kafelnikov como parte da Semana Guga Kuerten. Venceu por 2 sets a 0 (6/3 e 7/6). Em dezembro, o desafio é ainda mais especial, um jogo com o norte-americano André Agassi, marcado para uma efeméride: os dez anos da chegada à liderança do ranking de entrada da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP). Na Masters Cup de 2000, em Lisboa, Guga venceu Agassi por 3 sets a 0 (triplo 6/4). Dormiu campeão e acordou primeiro do mundo, onde permaneceu por 43 semanas.

DOIS ANOS E MEIO DEPOIS de encerrar a carreira em Roland Garros, a vida do tenista não é nem de longe como ele imaginava. Quando parou, anunciou três metas: fazer uma faculdade, viajar e casar-se. Começou a estudar Artes Cênicas, mas trancou o curso no segundo semestre por falta de tempo. Como de costume, sem que precisasse ser questionado, aprofundou-se no tema: “Penso como é difícil para a garotada escolher um curso, o quão precoce isso é. Eu, aos 30, tive dificuldade! Não sabia se faria Matemática, Química ou Teatro”. A escolha pelas Artes Cênicas veio com o encanto pelo estudo do “desenvolvimento do ser humano, os acontecimentos da humanidade que nos levaram a estar aqui”, e com a parte prática que, segundo ele, tem muito a ver com o

tênis porque “essa coisa da performance nos leva a um autoconhecimento profundo”.

– Você é uma pessoa que não deixa as coisas passarem sem refletir sobre elas?  
– Sim, é uma característica. Mas também é muito “o que observar” para depois “como observar”. Tem coisas pelas quais eu passo que não me chamam a atenção, não tenho interesse. Mas quando escolho algo, procuro estabelecer uma relação, isso é fato. Gosto de criar uma relação de envolvimento e aprendizado.

O gosto pelo conhecimento e a paixão pelo tênis são o que Guga tenta disseminar com o Instituto Guga Kuerten. A instituição filantrópica é presidida pela mãe, Alice, desde a fundação, em 2000. O vice-presidente é Rafael, que passou a tomar conta da família após a morte do pai, Aldo Kuerten, enquanto apitava um jogo de tênis em Curitiba, em 1985. O IGK trabalha com crianças mesclando as áreas de esporte e educação, e na inclusão social de portadores de deficiência, atuação inspirada pelo irmão mais novo de Guga, Guilherme, que tinha paralisia cerebral e morreu em 2007 de insuficiência respiratória.

## Indeciso entre Artes Cênicas, Matemática e Química, Guga demorou a escolher um curso para, devido à rotina de trabalho, trancar seis meses depois

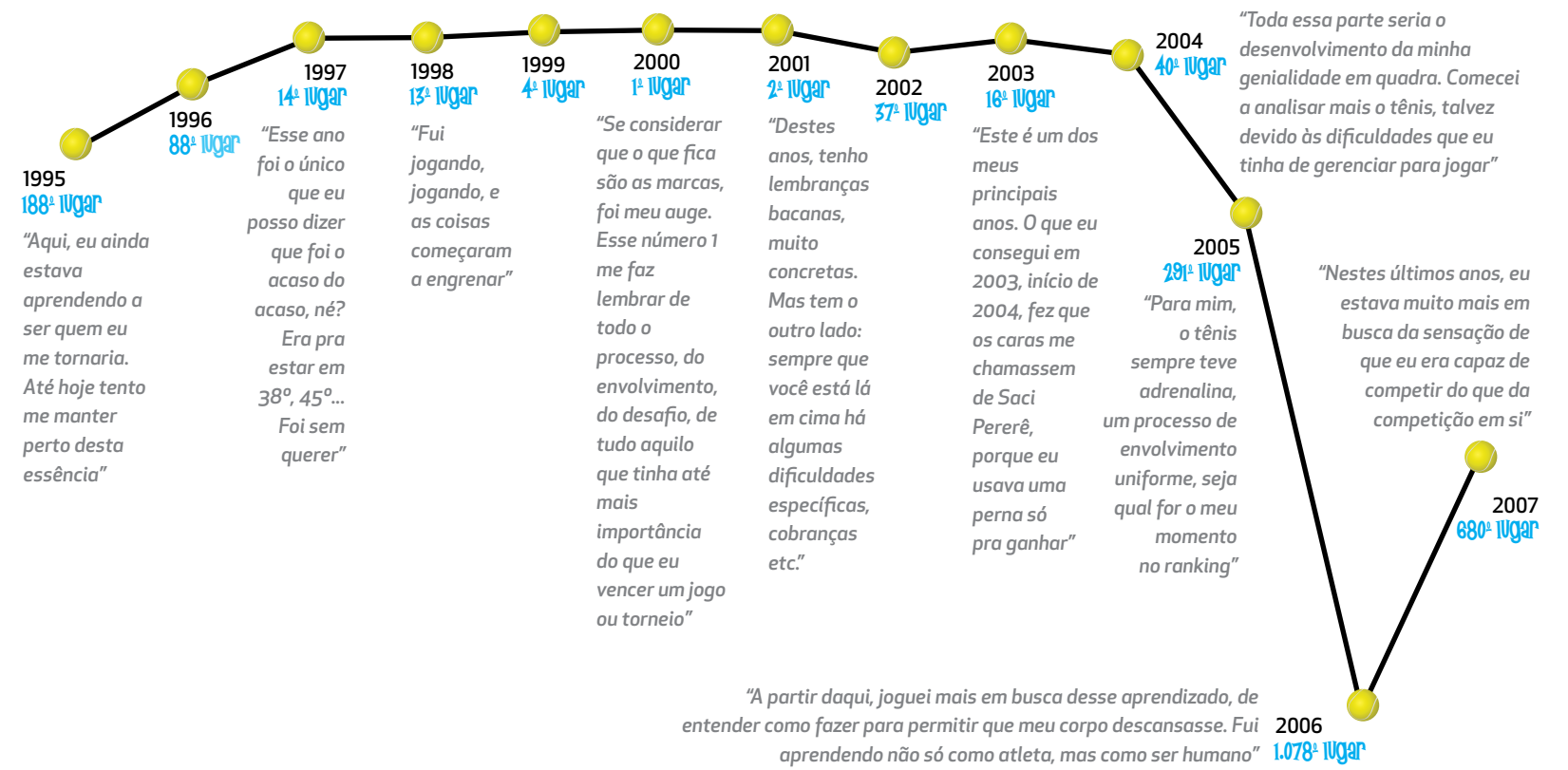
É praxe encontrar nas quadras de tênis da cidade crianças vestindo o colete do IGK. A família Kuerten sabe como poucas movimentar Florianópolis em prol de uma causa. Há as iniciativas constantes do Instituto, mas há também uma ação pontual forte. Criada em 2009, a Semana Guga Kuerten é o maior evento promovido por eles atualmente. Há clínicas da modalidade, bate-papos, cursos para professores, torneios infantis com pontuação no ranking da Confederação Brasileira de Tênis, ações sociais e ambientais, e aquilo que mais chama a atenção: as miniquadras espalhadas por toda a cidade, da orla aos shopping centers. A Semana congrega pitadas de solução para todos os problemas que Guga identifica no tênis atual, a começar pela formação de professores e treinadores, que, segundo ele, é o xis da questão. Ademir da Silva, o Parrudo, foi o primeiro trei-

nador de Guga, nas quadras da Astel, Associação Esportiva e Social de Florianópolis. Hoje, é contratado para dar aulas aos funcionários do Instituto, ficando à disposição deles uma hora por dia, quatro dias por semana, e também tem participação na Semana Guga Kuerten. Parrudo mostra um discurso alinhado com o de ex-pupilo: “Ainda não temos um centro específico para o desenvolvimento do tênis no País. O professor é um cara que joga, aprende um pouco, faz alguns cursos. No entanto, não há uma escola brasileira com uma linha definida de trabalho. É cada um por si, Deus por todos. E tem muita gente capaz por aí, só que sem orientação”.

Guga conta que vem estudando o tênis desde que parou de jogar profissionalmente e vê com clareza que o problema no Brasil não é mais a quadra ou o equipamento. “Nosso principal desafio é a ca-

## E TUDO COMEÇOU “SEM QUERER”

GUSTAVO KUERTEN NÃO É UMA PESSOA DE NÚMEROS –SENTE MAIS DO QUE CALCULA. NO ENTANTO, QUANDO NOSSA REPORTAGEM MOSTROU UMA TABELA COM SUA POSIÇÃO FINAL DE CADA ANO COMO PROFISSIONAL, ELE SE RENDEU: “NUNCA TINHA PARADO PRA OBSERVAR DESSA FORMA. DÁ PRA FAZER UM GRÁFICO BEM INTERESSANTE. TODA A MINHA CARREIRA FOI ACIMA DA EXPECTATIVA”.



PIERRE VERDY/AFP (A ESQ.); REUTERS (NO ALTO)

pacitação dos técnicos e professores. Hoje em dia, estão deixando as quadras para fazer outros investimentos e há até quadras sendo substituídas por outras devido à baixa frequência.”

Nos últimos anos, ele parece ter se dado conta da força de sua imagem e admite a necessidade de a sua figura continuar forte para manter o desenvolvimento: “É fundamental eu me manter vinculado ao tênis, isso é uma âncora muito forte. É preciso criar história para que exista uma cultura”.

– *Você parece inquieto.*

– *Sou um cara quieto, mas sou incomodado com essas coisas. A maneira como eu olho e enxergo possibilidades de melhoria me deixa instigado e me incomoda quando essas melhorias não estão sendo feitas. Isso acontece muito no tênis, que desperdiçou um grande*

*espaço de tempo, deixou passar uma oportunidade magnífica.*

ALÉM DAS AÇÕES SOCIAIS, a Semana Guga Kuerten é um investimento no esporte de alto rendimento. No memorial instalado em uma sala espaçosa dentro do escritório estão os troféus em que ficam gravados os nomes dos jovens vencedores dos torneios de simples masculino e feminino. O formato das peças é de coração, referência ao desenho feito por Guga com a ponta da raquete no saibro quando foi tricampeão de Roland Garros, em 2001.

Em outro âmbito, mais próximo do topo do tênis mundial, é cada vez mais assertiva a fala de Guga quando o tema é Copa Davis. A equipe brasileira não disputa o Grupo Mundial desde 2003. Está na divisão de acesso imediato, o Grupo I – Zona das Américas, desde então. “A verdade é que não há

A faculdade, Guga diz que só termina daqui a 20 anos. Mas as viagens, ainda que não no ritmo de que gostaria, ele tem conseguido fazer. Em junho deste ano, foi a Paris para receber o prêmio Philippe Chatrier da Federação Internacional de Tênis (ITF). Guga de terno e gravata, imagem raríssima daquele que foi considerado por muitos o número 1 mais carismático, “o mais simples fora de quadra”, como lembrou o tenista argentino Guillermo Coria em *Guga*, o *Circuito do Adeus*, documentário dividido em quatro programas feito pelo jornalista Rubens Pozzi e exibido pelos canais **ESPN** em 2008, logo após a aposentadoria.

Depois de receber o prêmio, Guga voltou ao modo “chinelos-bermudão” para ir à Turquia e à África do Sul durante o período da Copa do Mundo de Futebol. Nada de horários rigidamente marcados ou assessores e motoristas esperando na porta. Nada de nutricionista controlando as refeições, nem de regras para a hora de ir dormir. “Eu não vivia essas coisas normais, era um circuito todo montado. Adoro isso! Passar na lanchonete da esquina, comer um negócio ruim e achar bom pra caramba. Pegar ônibus, metrô, quebrar o transporte e você ficar a pé.”

– *Você gosta de se relacionar, de conhecer gente?*

– *Adoro estar em contato. E desse jeito bem espontâneo. Às vezes eu não faço uma nova amizade, mas só de observar as pessoas já é muito rico. Na Turquia, por exemplo, tinha aquela coisa da religiosidade múltipla, das pessoas convivendo juntas. Tem também aquilo de aprender sobre as civilizações que primeiro habitaram o lugar, suas interferências. Vou aos locais e procuro entendê-los.*

Essa vida normal de Guga nas viagens é como a que tenta levar em Florianópolis. Discreto, consegue se manter assim sem precisar se trancafiar em casa, pois seus contêrreos aprenderam a respeitar seu espaço. A última “ação secreta” foi a concretização da terceira meta estabelecida em 2008.

Quando a revista **ESPN** visitou Guga em seu escritório para entrevistá-lo, era fim de outubro. Ele dizia que “pensava mais até em ter filhos do que em casar”. No mês seguinte, tudo ficou claro: Guga até podia pensar mais nas crianças, mas o que estava encaminhado mesmo era o casamento com Mariana, fonoaudióloga, celebrado no mesmo memorial onde o entrevistamos.

O memorial não é só uma sala de troféus. Foi organizado pelos Kuerten como um pequeno museu da vida do tenista. Há cadernos de escola abertos na lição de Matemática, uma das disciplinas prediletas. Há boletins, o passaporte alemão (Guga tem dupla nacionalidade) da juventude, cadernos sobre o aprendizado do jogo de tênis. Há medalhas e troféus, sim, mas também a garrafa com o saibro da quadra Philippe Chatrier, a principal de Roland Garros, recolhido pelo técnico Larri



O memorial montado no escritório do tenista reúne lembranças da sua vida dentro e fora das quadras, de cadernos de escola a uniformes, troféus e lembranças de quando começou a jogar tênis. Não haveria lugar melhor para ele se casar



ACERVO/IGK - ILUSTRAÇÃO DO TIAGO

Em Florianópolis, Guga é rei, mas consegue cultivar sua realeza de um jeito tranquilo. Aqui você conhece o roteiro do nosso “Guga Tour”, mas com a condição de que o cidadão mais ilustre e mais discreto de Floripa continue vivendo em paz.

\*Para traçar o roteiro de Guga, contamos com o auxílio do taxista Antonio Vilmar das Chagas, o Toninho, que tem só 23 anos e aprendeu com o mesmo treinador de tênis que Guga.

**ASTEL**

Rua Eduardo Gonçalves D’Avila, 150, Itacorubi  
Foi aqui que Guga começou a jogar. Entre o futebol de salão e o tênis, acabou ficando com o segundo, mas a decisão não foi assim tão óbvia. Tanto que, até hoje, ele gosta de jogar uma pelada.

**LIRA TÊNIS CLUBE**

Rua Felipe Schmidt, 636, Centro  
Ainda é palco dos treinos de Guga. Tanto o IGK e seus trabalhos sociais quanto a Guga Kuerten Participações, empresa da família, têm acordos para desenvolvimento do tênis com o Lira e a Astel.

**CASA EM QUE CRESCEU**

Subida do Morro da Lagoa, condomínio Rolland Garros  
A casa bonita, espaçosa e adaptada para as necessidades do irmão mais novo de Guga, Guilherme, repousava tranquila no alto do morro até 1997. Com a conquista do primeiro Grand Slam e o aumento do assédio, acabou virando um condomínio: “Rolland Garros”. Mesmo com um “l” a mais, o nome cumpre sua função.

**CASA ATUAL DA FAMÍLIA**

Praia de Morro das Pedras  
Ao contrário da casa anterior, esta fica mais escondida, não dá para ver da rua. Assim como a casa em que cresceu, está em um bairro de classe média e passa longe do glamour que os turistas adoram.

**AV. BEIRA-MAR NORTE**

Nosso taxista diz que, vira e mexe, encontra Guga por lá. Seja em restaurantes ou em casas noturnas.

**RESSACADA**

Quando encontramos Guga na casa do Avaí, eram três os camarotes reservados para ele. No entanto, os convidados não passavam de cinco pessoas próximas.

**PRAIA DA JOAQUINA**

É um dos lugares mais frequentados por Guga quando ele quer não só pegar onda – coisa que não faz desde o último verão –, mas também jogar bola. Sem frescura, ele forma time com quem estiver ali.

**ESCritÓRIO**

Centro Executivo Aldo Kuerten – Av. Md. Benvenuta, 1.168  
O edifício que leva o nome do pai do tenista é sede do Instituto Guga Kuerten (IGK) e da Guga Kuerten Participações, congregando os negócios da família. No mesmo prédio há outros escritórios e também lojas, além do salão da cabeleireira de Guga, que se mudou para lá junto com ele.

Passos no dia da despedida. Tem até os anúncios dos primeiros produtos licenciados com seu nome, como o “carro do Guga”. Tudo está distribuído em prateleiras e gavetões protegidos por vidro. Ao centro, poltronas e uma mesa para receber convidados. E até um casamento.

Ao falar sobre a união, durante a entrevista, Guga brincou: “Já estou com nota 7, 8 nesse quesito. Mas a minha namorada já está bem-informada e, se tudo der certo, a gente vai tentar chegar aos 9, 10. Quanto aos filhos, tomara que se torne real em breve”. A única ressalva é a rotina, ainda mais pesada do que ele gostaria para se tornar pai.

O TEMPLO DE GUGA em Florianópolis – expressão que cai bem quando o assunto é futebol, quase uma religião também para ele – é o estádio Dr. Aderbal Ramos da Silva, a Ressacada, casa do Avaí. Guga tem, em geral, três camarotes à disposição para conservar sua privacidade e levar amigos. Há um acordo tácito com a imprensa local de que os jornalistas não devem entrar na área reser-

vada. No entanto, da porta ao elevador e do elevador ao portão de saída, o território é livre e é ali que Guga geralmente atende aos veículos locais.

Em 21 de outubro, ele assistiu a sua primeira partida internacional em casa. Avaí e Emelec se enfrentavam para ver quem iria às quartas de final da Copa Sul-Americana. Com um minuto de jogo, o Emelec fez o primeiro gol. Alguns torcedores da numerada coberta começaram a chamar Guga de pé-frio. O primeiro tempo foi sofrido, jogo feio, com muita cera e catimba dos equatorianos. Um repórter de rádio pediu a um dos amigos de Guga que o levasse à porta para uma entrevista rápida. Nada feito. Segundo o amigo, Guga não estava no

clima. “Ele não costuma falar?”, perguntei. Ao que um dos repórteres respondeu: “Ele sempre fala, sim. É muito gente boa. Só que eu acho que ele está é bebendo uma cervejinha, né?”.

“Guga é uma criança. Ele não é fechado, é maravilhoso”, diz Neide Ferreira, 56 anos, a famosa cabeleireira do atleta de ponta com a mais indomável cabeleira do Brasil. “Eu falo para ele lavar, pentear, passar defrizante no cabelo, mas quem diz que ele faz?” Dona Neide não esconde o orgulho de ter participação na quebra dos paradigmas do tênis mundial: “Quando ele começou, tinha o cabelo comprido e a faixa. Depois, era um pouco mais curto. Ele quebrou esse padrão do tenista certinho de short

## Na internet, guga usa o Twitter para despertar o interesse dos seus fãs em questões políticas e sociais do Brasil, não necessariamente ligadas ao esporte

## A guerra de cem anos

Gustavo Kuerten venceu 16 torneios no saibro, incluindo o tricampeonato de Roland Garros. Rafael Nadal ganhou cinco vezes o Grand Slam francês e tem o recorde de vitórias em terra batida: 81. A pedido da revista ESPN, Guga imaginou como seria uma partida entre os dois. “Seria uma atração incrível. Essa questão de quem se sairia melhor ficou no ar e isso dá mais vontade ainda de confrontá-lo um dia”, afirmou.

“Eu poderia tentar aproveitar para tirá-lo da quadra com a minha esquerda angulada, abrindo espaço para fazer minhas jogadas. Ele, por sua vez, tentaria me deslocar para não me deixar impactar com tanta força. Eu teria que utilizar muito bem meu saque, com grande variação. Acho que essa bola de esquerda eu utilizaria bem, seria o diferencial. Quem estivesse fazendo isso com mais qualidade talvez tenha mais êxito porque não creio que a parte física faria alguém se sobressair, isso de aguentar um jogo de três ou quatro horas. Nós dois temos muito essa característica. De repente, eu poderia fazer que ele usasse mais força nos golpes do que normalmente. Eu sou um cara alto e que aguenta um bom tempo sem cansar a parte mental. Para falar a verdade, acho que seria uma guerra de cem anos! Esse incômodo constante seria legal. Se eu tivesse jogado com ele, teria me tornado um jogador ainda melhor, porque ele exigiria de mim o meu máximo. Eu poderia ser desafiado a ponto de ser batido não me conformaria com isso; na próxima vez, eu já estaria diferente. Esse é o ponto mais fantástico que vejo nesse desafio e é por isso que gostaria que tivesse acontecido.”

### Como seria?

A revista ESPN consultou especialistas do tênis para saber quem levaria a melhor em um duelo imaginário entre Gustavo Kuerten e Rafael Nadal.

“O Guga tem os dois lados muito fortes. Acho que ele maltrataria o Nadal ao usar muito bem o saque e a primeira bola. O Guga costuma fazer o adversário jogar lá atrás e as bolas curtas ajudariam a trazê-lo para a frente. Já o Nadal poderia prolongar bastante os pontos, com mais de cinco, seis bolas, para cansar o Guga, que eu acho que não curtiria muito isso. A longo prazo, seria um confronto sem freguês.”

Fernando Meligeni, ex-tenista e companheiro de Guga na equipe brasileira da Davis

“O esporte mudou radicalmente nos últimos dez anos e o Guga sofreria um bocado fisicamente para acompanhar o ritmo do Nadal. Ele leva uma vantagem enorme não só sobre Guga, mas sobre os outros tenistas da atualidade mesmo. O Guga buscaria maneiras para enfrentar um adversário do calibre do Nadal como fez quando jogou com Roger Federer, por exemplo. O forte do Guga foi definitivamente a parte mental para aguentar pressões, jogos extensos.”

Paulo Cleto, ex-técnico, comentarista dos canais ESPN e autor de Gustavo Kuerten e Roland Garros – Uma História de Amor



FRANCOIS GUILLOT/APP (GUGA E NADAL); FLAVIO NEVES/AGÊNCIA RBS (AVAÍ); EDUARDO MARTINS/A TARDE/FUTURA PRESS (GUGA E FAGNER)



branco”. Dizem pela cidade que dona Neide ganhou da família o espaço para montar o salão no edifício comercial Aldo Kuerten, o mesmo do escritório de Guga, quando ele ficou pronto. Nenhum dos dois lados confirma ou desmente. Certo é, apenas, que essa é uma das relações mais fiéis que têm os Kuerten. Apesar de ter atendido a reportagem no salão, dona Neide também foi à Ressacada naquele dia.

O segundo tempo começou e, assim como saiu rápido o gol do Emelec, a reação do Avaí também foi avassaladora. Foram precisos o intervalo e uma substituição para o time fazer três gols entre os dois e os oito minutos da etapa final. Guga é torcedor ativo. Durante todo o jogo, gesticulou, sentou, levantou, deu ordens para o time, gritou – mas nada parecido com aquele grito que o marcou em quadra, reservado para o tênis. Eventualmente, dava uma ou outra explicação para a noiva e trocava algumas palavras com os amigos, mas a concentração era toda na partida. No dia seguinte, outro taxista – sempre eles – contou o desfecho da saga daquele primeiro repórter: “Você não ouviu? Ele deu entrevista, sim. E, olha, eu acho que ele estava era meio alegrinho, viu?”.

E o surfe? Virou lenda: “Não surfo desde o último verão. As pessoas acham que só estou descansando, mas estou trabalhando muito, são muitos compromissos”. Ter ficado conhecido como um surfista cuca-fresca inveterado é mais fama do que realidade, algo que se nota pela forma como Guga descreve sua relação com o esporte: “O surfe sempre serviu para relaxar, para descansar. Mas se eu ficar sem surfar por um tempo, também não tem problema, até porque me acostumo”.

– Quais são as generalizações sobre sua vida que você odeia?  
– Minha vida não é assim, só ir lá e sorrir em eventos, por exemplo. Participo de toda a pre-

O Avaí tornou-se conhecido internacionalmente graças ao ilustre apoio de Guga. Ao lado, ele solta a voz com o cantor e compositor Fagner



paração. Não vou fazer presença, eu trabalho. Parece que está fora de moda falar das coisas boas que as pessoas fazem. Existe a necessidade de falar de coisas ruins e polêmicas. Isso me preocupa.

Do surfe, Guga tirou lições. A maior delas é o respeito, reflexo de um episódio na infância em que a prancha escapou e bateu na sua cabeça. Outros aprendizados vieram daquele que foi como um pai para o tenista durante sua trajetória profissional: o técnico Larri Passos. Foi Larri quem ensinou Guga a ganhar e a perder. No início, ainda criança, chorava depois de derrotas, não queria mais jogar, não entendia por que o outro era melhor que ele. Larri inventava atividades para fazer que ele esquecesse a derrota. Quando precisava que Guga desejasse a vitória, “falava palavras fortes, importantes, tirava o foco do problema e o colocava na solução”. Algo que está presente até hoje em cada palavra de Guga e que ele tenta levar para cada ação. Deixando de lado

o tênis e sua própria vida, a maior preocupação de Gustavo Kuerten é com o baixo nível de politização dos brasileiros. Durante o processo de eleições deste ano, fez questão de usar seu perfil no Twitter (@gugakuerten) para falar sobre o assunto.

– O que tanto incomoda você?  
– Procuo passar para as pessoas que elas devem estar engajadas. No futebol, se o time perde duas ou três partidas, as pessoas já vão lá para reclamar do treinador, do jogador. Até eu me incluo nisso, mas é extremamente perturbador na minha cabeça tentar encontrar um jeito de transformar isso. Achei o filme Tropa de Elite 2 superinteressante. É bom porque vai ter penetração em todas as classes e vai provocar as pessoas para que se mexam.  
– O povo brasileiro vai se desiludir com os Jogos Olímpicos de 2016?

– Não pode se iludir porque isso só acontece se acreditar nas promessas sem se envolver no processo, saber o que acontece. Os Jogos do Rio de Janeiro são um ponto de partida, não um fim em si. É a partir deles que nosso esporte tem que começar a crescer. Não dá para produzir um campeão em cinco, seis anos.

Altas doses de realismo e trabalho com toques de idealismo. Dá para resumir o momento atual de Guga assim. Quando surgiu aparentemente do nada em 1997 para vencer Roland Garros, surpreendeu o mundo. No Brasil, provocou um boom de quadras de tênis, mas também de cabelos desgrenhados, ora castanhos, ora louros, vermelhos ou trançados. Um boom de chinelos de dedo. Ele não é só um ex-tenista profissional com muitos títulos e boas posições em rankings. É um cidadão extremamente carismático e ávido por mudanças. O passado de Guga é brilhante, tanto quanto o futuro que ele pinta para si. ■